

Fotografismo: Árvore Galhuda

Amanda Medeiros Oliveira





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
Departamento de Artes Visuais
Projeto de Graduação
Ênfase: Fotografia

FOTOGRAFISMO:
“Árvore Galhuda”

Amanda Medeiros Oliveira

Orientadora: Prof^a Dr^a Evelise Anicet
Banca de Avaliação: Prof^a Dr^a Laura Castilhos
Prof. Dr. Rodrigo Nuñez

Porto Alegre

2009

AMANDA MEDEIROS OLIVEIRA

**FOTOGRAFISMO:
"Árvore Galhuda"**

Projeto de Graduação apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Artes Plásticas com ênfase em fotografia, curso de Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Dr^a Evelise Anicet

**Porto Alegre
2009**

Dedico este trabalho aos meus finados avos Hilda e Nando.

Agradeço especialmente a minha orientadora Evelise Anicet por acreditar na minha capacidade, me apoiar e dar confiança nesses momentos do meu trabalho. Aos professores Laura Castilhos e Rodrigo Nuñez pelos incentivos a esse projeto. Aos meus pais, Amandio e Firmina, aos meus avos, Luiza e Ângelo, pelo apoio, amor e companhia nas saídas de campo. Aos meus irmãos, Letícia e Alex, pelo carinho. E aos amigos e colegas que me ajudaram de alguma maneira, nessa etapa de conclusão de curso.

Sumário

Índice da figuras.....	
Introdução.....	07
Desenvolvimento.....	09
Processo Criativo.....	11
Considerações sobre a montagem.....	15
Referencial Artístico.....	16
Conclusão.....	20
Bibliografia.....	22
Anexos.....	

Introdução

O Projeto de Graduação exigido para conclusão do curso Bacharelado em Artes Plásticas, consiste no desenvolvimento de pesquisa artística e sua reflexão. Este texto apresenta o trabalho que tenho desenvolvido na área de fotografia. No decorrer do curso, fiz muitos exercícios de tiragem de fotos. A partir da observação das fotos resultadas, percebi que eram imagens de paisagens, plantas e árvores, as que me interessavam mais. Em uma das cadeiras específicas, foi pedido um tema. E escolhi: a árvore, que tem como simbologia:

“A árvore da vida, quer seja de folhas perenes como o loureiro, símbolo de imortalidade, quer de folhas caducas, cuja regeneração periódica exprime ciclo das mortes e renascimentos.”
(CHEVALIER, 2003, p.85)

As árvores eram retratadas de diversos ângulos, formas e formatos. E uma dessas fotografias, me chamou mais à atenção, pois eram galhos e se entrelaçavam e se ofereciam numa grande escala de grossura. Pareciam linhas orgânicas ou linhas de desenho. As fotos foram tiradas contra luz. O fundo apareceu branco e os galhos em uma cor quase acinzentada encontrando-se com o preto, ou seja, com bastante contraste. O contraste existe “quando uma forma está rodeada de um espaço branco” (WONG, 1997, p 105). É a oposição, entre duas coisas, ou seja, dualidade, por exemplo, de cores, formas.



Figura 01 - Sem título, 2007

Desenvolvimento

Ao observar meu arquivo de dados fotográficos, reservei um conjunto de fotos semelhantes a essa que foi interessante para mim, por estes se parecerem com traços de grafia. Nessas fotos fiz alguns experimentos, como: digitalizar a imagem e imprimir em papel sulfite tamanho A4 que se assemelha ao desenho e após isso produzir formas com nanquim, grafite e pastel seco. No momento, por algum motivo não me agradaram. Retornei à observação das fotos, com galhos que simbolizam “poderosas qualidade mágicas entre outras coisas, faz esquecer a tristeza,” (CHEVALIER, 2003, p. 457). Fiz nova seleção de fotos e digitalização. No computador foram feitas experiências, com o software Photoshop, trabalhando o contraste e brilho, e encontrei uma forma sem volume, se assemelhando aos tracejados de linhas gráficas.



Figura 02 – Sem título, 2007



Figura 03 – Sem título, 2008

No entanto, o que mais me chamou a atenção foi essa desconstrução das árvores, saindo da profundidade e perspectiva. E construindo um desenho, ou seja, uma forma plana com esse preto profundo sendo encontrado através dessa manipulação de imagens, nos galhos, sobre o fundo branco.

O contraste me lembra desenho, pois geralmente o que usamos é lápis preto e um papel branco. Essa dualidade:

“Do negro e do branco é, de um modo geral, a sombra da luz, do dia e da noite, do conhecimento e da ignorância, do Yin e do Yang, da Terra e do Céu.” (CHEVALIER, 2003, p.742)

Com as ferramentas do software editor gráfico pude construir diversas formas, com linhas, pontos, sombras e tonalidades de cinza, entre mais claro e o mais escuro. Identifiquei-me na fotografia preta e branca, porque se encontra mais formas de figuras com luz e sombra. E a cor do objeto se mistura com o espaço sem iluminação. Que também se assemelha ao grafismo, sua silhueta.

Diante desses achados, me propus desenvolver um projeto artístico poético.

Processo Criativo

Fotografei com máquina analógica árvores que aparecem apenas galhos secos e ao fundo o céu. Foto contra a luz, ou seja, silhueta, que “é um objeto simultaneamente anatômico e semântico: é o corpo tornado explicitamente desenho, um lado oposto a luz, o outro totalmente na sombra.” (BARTHES, 1990, p.100). A partir dessas fotos, digitalizei para um CD e passei - as para o computador.

No programa Photoshop, manipulei as imagens buscando o alto contraste deixando-as mais semelhante possível com desenho. A silhueta é “apenas um traço” (BARTHES, 1990, p. 100) Os galhos sem volume e sem profundidade assemelhando - se com linhas gráficas.

“A linha raramente existe na natureza, mas aparece no meio ambiente (...) nos ramos secos de uma árvore no inverno (...). O elemento visual da linha é usado principalmente para expressar a justaposição de dois tons.” (DONDIS, 1997, p.56)



Figura 04 – Galhos 1, 2009



Figura 05 - Galhos 2, 2009



Figura 06 – Galhos 3, 2009



Figura 07 – Galhos 4, 2009



Figura 08 - Galhos 5, 2009



Figura 09 - Galhos 6, 2009

A partir das imagens selecionadas, imprimi em folhas sulfites de tamanho A4. Cada folha foi tratada como módulos na composição de desenho. Criei uma composição de doze módulos, “Quando um desenho tem sido composto por uma quantidade de formas, essas idênticas ou similares entre si são formas unitárias (...) que aparecem mais de uma vez no desenho”. (WONG, 1997, p.51), com tamanho de vinte centímetros por vinte centímetros colando em outra folha tamanho A1. As formas, “figuras planas e simples, fundamentais, que podem ser facilmente descritas e construídas quanto visual, quanto verbalmente” (DONDIS, 1997, p.58). Numas busquei dar continuidades nas linhas e em outras desconstruindo essa ligação entre os galhos.



Figura 10 – Composição, 2009

Observando as texturas, “características de superfície de uma figura” (WONG, 1997, p. 119), dos desenhos construídos a partir dessas fotografias, selecionei partes de cada imagem em escalas de claro-escuro. O preto é considerado como a ausência de toda cor, de toda luz. “O preto absorve a luz e não a restitui. Evoca, antes de tudo, o caos, o nada, o céu noturno, as trevas terrestres da noite, o mal, a angústia, o inconsciente e a Morte.” (CHEVALIER, 2003, p 742). Ao recortar a partir do programa no computador apenas as linhas puras,

ou seja, linhas orgânicas formadas pelos próprios galhos, reparei como a natureza é cheia de detalhes. E tendo uma percepção minuciosa, esse olhar examinador, observei que a partir dessas linhas as quais me apropriei dos galhos das árvores, pode-se criar desenhos, sendo assim, na arte:

“A linha é o elemento essencial do desenho, um sistema de notação que simbolicamente, não representa outra coisa, mas captura a informação visual e a reduz a um estado em que toda informação visual é eliminada e apenas o essencial permanece”.
(DONDIS, 1997, p.56)



Figura 11- linhas1, 2009

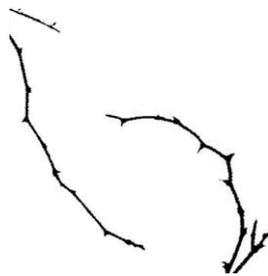


Figura 12- linhas2, 2009

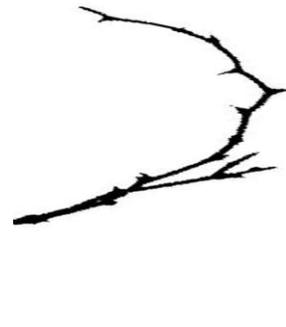


Figura 13- linhas3, 2009

Imprimi imagens selecionadas e criei novas composições, com a mesma lógica criativa, tamanho A1 com 12 módulos, 20 cm X 20 cm. Observei que criando representações de formas sobre superfície com texturas mais claras, ou seja, com as linhas puras, surgiam diversas configurações que poderiam ser finalizadas tendo 6 módulos, além de 12. E a seguir, criando mais e mais composições, foram surgindo novas formas, decidi não usar mais tamanho 20X 20 cm, fui recortando, montando. Apareceram sobreposições que por vezes, o galho abaixo da

colagem poderia ser mais visível. Então usei transparências, imprimindo esses em papel vegetal e acetato.

“Os materiais com imagens abstratas podem ser separados e novamente dispostos, da mesma maneira, o que deriva a transformações ou distorções, sem que as imagens iniciais se tornem irreconhecíveis.” (WONG, p121)

Com essas transparências nas colagens, foram surgindo novas linhas, e outras composições, Sendo assim tive mais possibilidade de criar desenhos. E ampliar mais esse processo criativo.



Considerações sobre a montagem

Por meu trabalho ter uma base branca, ou seja, um fundo branco. E suas composições criadas com linhas pretas. Pensei em criar no tamanho da parede uma composição maior, ultrapassando o limite da folha tamanho A1 criadas já linhas gráficas. A parede sendo um suporte branco e maior que uma folha de papel, existe muitas possibilidades de criar formas, a partir das imagens de linhas já existentes no meu projeto.

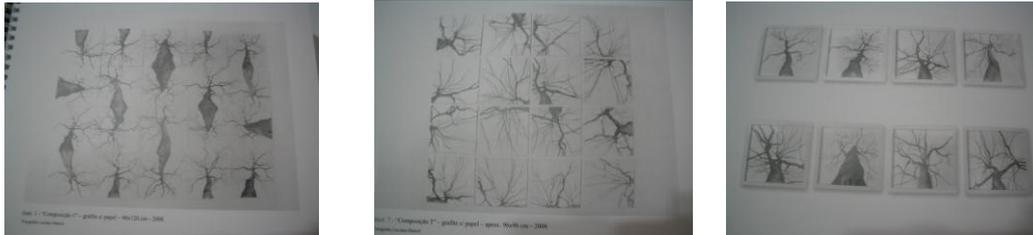
Pretendo colocar com fita de silicone algum dos meus trabalhos feitos em sulfite A1 e outros em adesivos, e diversos tamanhos e formas criando grandes linhas contínuas. Meu suporte não seria mais o papel sulfite e sim a parede. Existindo diversas possíveis formas de criação em um tamanho maior.

E na parede ao lado, umas duas ou mais imagens produzidas nas folhas de tamanho A1. Mostrando uma pequena produção, mas não impedem dessas imagens terem ligações com a da parede. Existindo talvez uma linha ligando elas.

Então, teria como exposição visual, composições de tamanho menor em uma das paredes e em uma delas, seria a maior, existindo uma visão e um olhar mais amplo desse trabalho que estou criando no decorrer desse projeto. E expor ao espectador a dualidade que existe, a fotografia que passa a ser desenho, os galhos de árvores que me apropriado criando grafias, linhas de diversas espessuras e emaranhados. Impressas em adesivos, papeis e transparências.

Referencial artístico

Ao pesquisar artistas que tenham alguma obra de arte semelhante a esse trabalho. Foi encontrado a Bacharel em Desenho, Claudia Hamerski.



Através desses desenhos “existe a intenção de causar estranhamento e leituras ambíguas através da repetição e da forma e estruturação do trabalho no espaço.” (HAMERSKI, p7) São composições criadas por módulos.

Já o trabalho de Sandra Rey, “trata-se da memória de paisagens e de relatos visuais de situações transitórias.” (REY) São imagens que a cada uma, recorta e isola uma porção da extensão, justapostas e sobrepostas num número indefinido de camadas.



Os trabalhos chamam-se DesDOBRAMENTOS da Paisagem. “O modo de operatório do desDOBRAMENTOS da Paisagem é o de multiplicar e des-DOBRAR os dado real em uma série de combinações” (REY). Que transforma as fotos do real não localizável por permeável.

Em *Letters Home-London* do artista Paul Voldwell, é uma imagem de paisagem fixa de *Postcard from London*, filme gravado durante 8 horas olhando de sua janela no Chesea College of Art Desing, em direção ao rio Tamisa. Construído por camadas de imagem, som e texto.

A impressão dessa imagem:

“Foi realizada em folhas individuais A4, não apenas pela razão prática da facilidade de transporte, mas também para que a imagem pudesse se re-feita e reformada para a exposição. A fragmentação, além disso, quebra a uniformidade e pureza normalmente associados ao grande formato das impressões digitais (...)” (COLDWELL)



Nessas obras artísticas que citei, existe a árvore como figura, forma e paisagem. E a repetição, sobreposição e justaposição de imagens, como técnica.

A silhueta que também se encontra nesse trabalho, há como referencia o fotógrafo Ronald Mesaros. A foto seguir “cria uma linha externa da forma do cachorro preto”. (Ligth and Film, p. 42), ou seja, a silhueta.



E por seguinte cito Benhard Wick, mais conhecido como ator e diretor de cinema, começa a fotografar em Paris. O que o atrai é riqueza de sombras da cidade francesa.



“Paris”

A imagem é muito semelhante as quais capturei nas saídas de campo, fotografia preta em branco e de árvores secas.

As obras que referi estão presentes no nosso dia a dia, e todas essas:

“Artes imitativas comportam duas mensagens: uma mensagem denotada que é o próprio *analogon* e uma mensagem conotada que é a maneira pela qual a sociedade oferece a leitura, dentro de uma certa medida, o que El pensa.” (BARTHES, p. 13)

Enfim, a fotografia pode ser vista como uma representação, "elementos visuais essenciais da fotografia reproduzem o ambiente, e qualquer coisa, com enorme poder de persuasão" (DONDIS, p 215). Sendo fiel ao objeto fotografado. Mas também, com interpretações subjetivas produzidas por soluções visuais distintas.

CONCLUSÃO

Essa pesquisa teve grandes e pequenas inspirações. No momento inicial da produção visual ocorreu-me um insight. Foi então que adquiri segurança e confiança para seguir em frente com o trabalho. Obtive também autoconhecimento, pois acredito que as pessoas assim como o artista, projeta o seu inconsciente, ou seja, o sentimento mais profundo, misterioso e obscuro que há na mente em suas obras de artes e costumes. Segundo Jung "Temos destacado a influencia da psicanálise de Freud nos artistas e do descobrimento (ou redescobrimento) do inconsciente dos primeiros anos do século XX" (JUNG, p. 261)

Observando se uma árvore com galhos secos, e com vários galhos de diversas espessuras,. Existem os mais finos e os mais grossos. Descrevendo primeiramente, no tronco e nas folhas de uma árvore, percebe-se que não tem frutos muito menos à folhagem verde, isso quer dizer que ela está na estação outono onde caem as folhagens o sugo dentro dela se esvai. E ao passar o vento entre os galhos alguns, aqueles mais fracos quebram, e apenas os que resistem são os mais fortes. Pois a árvore está plenamente sem energia e sem força, que dependendo da força do vento, no meio de uma tempestade, pode talvez ele não resistir. E não ter a oportunidade de ver a primavera chegar.

Minha pesquisa existe essa identificação com signos, saindo da figuração do mundo real que são os galhos e encontrando o abstrato que são as linhas apropriadas dos galhos. Havendo o conceito de linha gráfica e da simbologia dos galhos. No decorrer da pesquisa, analisei que apresenta muito essa dualidade, em diversos aspectos tanto da fotografia para o desenho, como para o objetivo e o subjetivo.

A parte prática do projeto foi construída por impulso, inspirações logo depois que fui desenvolvendo a parte mais complicada que é o texto, onde se observa e refleti sobre todo esse processo. Tem que ser mais racional ao escrever.

Enfim, esse trabalho é o projeto final de graduação, há todo um ritual de ruptura, de termino de curso, uma finalização. Mas assim como a árvore, se ela superar passar por todos os ventos e tempestades, ao chegar a nova estação recomeça um novo ciclo. Portanto é uma recomeço de nova etapa e processo de desenvolvimento com esse projeto.

Bibliografia

- AUMONT, Jaques. *A imagem*. 2 ed. Campinas: Papyrus, 1995.
- BARTHES, Roland. *O obvio e o obtuso: ensaios críticos iii*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 284 p.
- _____. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Tradução Júlio Castañon Guimarães. RJ: Nova Fronteira, 1984
- BAURER, Gabriel. *A fotografia: história, estilos, tendências e aplicações*. Portugal: Edições 70, 200.
- DONDIS, Donis A.. *Sintaxe da linguagem visual*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 236 p.: II
- DERDYK, Ediyth. *Disegno, Desenho, Designo*. SENAC.
- _____. *Formas de pensar o desenho: como a linha brinca com seus papéis*. São Paulo: Scipione, 1994.
- CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea*. São Paulo: Martins
- CHEVALIER, Jean. *Dicionário de Símbolos*. 18ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- GOMBRICH, E. H. *Arte e Ilusão: um estudo da representação pictórica*. 1 ed. Brasileira: Janeiro de 1986. Tradução Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Brasil. Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1986.
- HAMERSKIi, Claudia Inês. *Projeto de graduação : desenho : a re-significação do modelo através da multiplicação modular : formação de uma superfície e sua relação com o modelo individual* [manuscrito]. 2006. [37] f. : II
- JUNG, Carl Gustav. *El hombre y sus símbolos*. Madrid: Aguilar, 1966. Light and film. New York: Time-Life Books, 1970. 227 p. : il.
- SANTAELLA, Lucia. *Imagem:cognição, semiótica, mídia*.2ed, SP: Iluminuras,1999.
- SANTOS, Alexandre & Santos, Maria Ivone dos. *A Fotografia nos Processos Artísticos Contemporâneos - Série Escrita Fotográfica*.

WONG, Wucius. *Fundamentos del diseno*. Barcelona: Gustavo Gili, 1997.
348 p. : il.

Catálogos

Pontos de contato. Porto Alegre: Marcavisual, 2009.